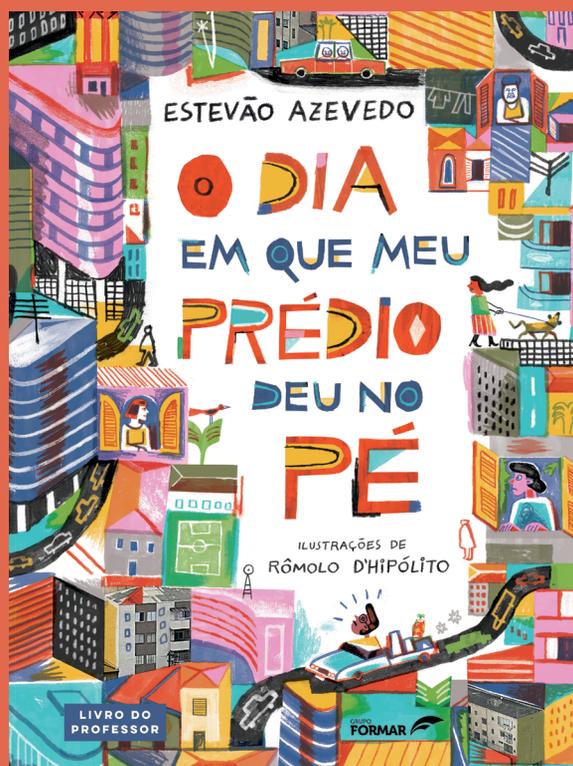


Material digital de apoio à prática do professor



AUTORIA

Érica Dutra
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca
Coordenadora da Comunidade
Educativa CEDAC

Material digital de apoio à prática do professor

AUTORIA

Érica Dutra

Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca

Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

LIVRO

O dia em que meu prédio deu no pé

AUTOR

Estevão Azevedo

ILUSTRADOR

Rômolo D'Hipólito

CATEGORIA 2

Obras Literárias do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

TEMAS

Família, amigos e escola

O mundo natural e social

Diversão e aventura

GÊNERO LITERÁRIO

Carta

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luíza Couto

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dutra, Érica

Material digital de apoio à prática do professor : O dia em que meu prédio deu no pé / Érica Dutra ; coordenação de Fátima Fonseca, CEDAC. — 1ª ed. — Serra : Formar, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-89696-11-7

I. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Material de apoio ao professor I. Título II. Fonseca, Fátima III. CEDAC IV. Azevedo, Estevão. O dia em que meu prédio deu no pé.

21-5497

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA FORMAR E DISTRIBUIÇÃO LTDA.

Avenida AB, 506, 1º andar — Manoel Plaza

29160-450 — Serra — ES

Telefone: (27) 3328-4686

Sumário

Carta ao professor	5
Estrutura do material digital	6
Contextualização	7
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental	8
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa	10
Pré-leitura	12
Leitura	12
Pós-leitura	18
Outras propostas de leitura e abordagem da obra	21
Ampliação da comunidade de leitores na escola	21
Literacia familiar	21
Bibliografia comentada	24
Sugestões de leituras complementares	25

Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, consequentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — neste caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *O dia em que meu prédio deu no pé*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, o autor e o ilustrador.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho nos momentos da pré e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, também ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e explorar a literacia familiar para que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados nesta obra e que contribuem para o trabalho do educador.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O dia em que meu prédio deu no pé é uma história que, embora mostre acontecimentos fantásticos sem uma explicação lógica, permite muitas reflexões sobre a nossa relação com a natureza, com o ambiente no qual vivemos. O que queremos para o nosso futuro? O que cada um de nós pode fazer para melhorar o ambiente e tornar o mundo um lugar melhor para todos? Esses são alguns questionamentos que os estudantes podem fazer, e conversar sobre esses temas com os colegas constitui, acima de tudo, um exercício de cidadania.

A forma como a história é contada intriga o leitor logo no início: trata-se de uma carta deixada por um avô à sua neta, contando sobre o tempo em que os prédios foram embora das cidades e deixaram os moradores sem lar. Esse evento não provocou um grande estranhamento no começo, mas como o mesmo episódio passou a se repetir várias vezes, e não apenas com prédios de moradia, mas também com outros tipos prédios — alguns deles bastante conhecidos, como o Congresso Nacional, em Brasília — isso passou a preocupar a população, que teve seu modo de vida completamente transformado.

Ao longo da narrativa, percebemos que foram tempos difíceis (de medo, fome, brigas e guerra), mas logo vemos que muita coisa acabou se transformando a partir desse evento: os rios ficaram mais limpos — já que não existiam mais fábricas para poluir as águas —, as pessoas tiveram de reaprender formas de conseguir comida, as fogueiras eram acesas para aquecer e iluminar, as plantas eram utilizadas para curar doenças e muitas outras situações que lembravam um estilo de vida anterior à época em que os prédios deixaram as cidades, um modo de vida de povos que sempre respeitaram a natureza.

Este livro encaixa-se nas temáticas **Família, amigos e escola**, por tratar da relação entre um avô e sua neta, mesmo que por meio de uma carta, na qual ele confia o futuro do mundo à neta e outras crianças que brincam à beira do rio; **O mundo natural e social**, pois provoca uma reflexão atual sobre o que acontece no mundo natural e no mundo social em que vivemos, levando-nos a questionar se não é necessário mudar o nosso modo de vida para que todos possam viver em um mundo em que a natureza seja preservada; e, por fim, **Diversão e aventura**, por se tratar de uma história fantástica, que extrapola a realidade e faz os leitores imaginarem novos mundos.

No final do livro, a última ilustração mostra uma pessoa lendo um quadrinho na parede, ao lado da carta, no qual se lê: “Escrita com tinta vegetal sobre pele de animal — Do acervo do Museu de um Mundo Melhor” (p. 37). Isso traz uma grande revelação que ressignifica toda a leitura e torna o texto da quarta capa repleto de sentido, e assim nos damos conta da real dimensão do tempo da narrativa.

Estevão Azevedo, o autor deste livro, nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, e vive atualmente em São Paulo. Formou-se em letras e jornalismo, e trabalha como escritor e editor. Sobre *O dia em que meu prédio deu no pé*, ele propõe uma reflexão: o que temos de fazer para tentar outro modelo de civilização, mais justo, mais humano e mais diverso? Deveríamos voltar atrás, ir até lá no início de tudo para recomeçar de outra maneira? No livro é como se o “progresso” se desse conta de que deu errado e que estava na hora de dar no pé.

Rômolo D’Hipólito, natural de Foz do Iguaçu, no Paraná, é formado em design pela PUC. Ele é conhecido por ser um ilustrador multifacetado, suas obras são feitas com diferentes técnicas, suportes e materiais. Sua maior influência foram as histórias em quadrinhos, que estudou na adolescência. Uma de suas obras passou a integrar o acervo do Museu de Arte do Rio (MAR). Se quiser conhecer outros trabalhos, o artista tem um site, disponível em: https://bit.ly/Romolo_Ilust (acesso em: 18 nov. 2021).

A **carta** é o gênero predominante na obra. Muito utilizada antigamente, em um momento em que não existia internet nem redes sociais, poderia apresentar diferentes tramas (narrativa ou argumentativa) e ter um caráter mais pessoal ou profissional. Hoje em dia, as cartas pessoais são menos usuais; as cartas comerciais, aquelas que são enviadas por empresas a milhares de destinatários, com conteúdos de propaganda, constituem a maioria das mensagens escritas enviadas pelo serviço de correio.

As cartas apresentam local, data, destinatário, mensagem, despedida e assinatura do remetente. Dependendo da proximidade entre os interlocutores — o remetente e o destinatário —, as cartas apresentam um determinado tipo de linguagem. Em geral, a carta pessoal é mais flexível, enquanto as cartas comerciais e oficiais apresentam texto conciso e impessoal, além da predominância da linguagem formal.

Atualmente, os e-mails funcionam como as cartas pessoais utilizadas no passado.

POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O dia em que meu prédio deu no pé é uma história divertida que encantará os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental porque apresenta acontecimentos estranhos, porém instigantes, que os prenderão à leitura até descobrirem o motivo dessa surpreendente fuga dos prédios. Por apresentar fatos absurdos que não têm uma explicação lógica, os leitores entram no jogo da narrativa e acabam se envolvendo nela.

As ilustrações que preenchem as duplas de páginas são cheias de detalhes, cores e formas, e convidam o leitor a observar, analisar e apreciar as diferentes perspectivas de prédios, pessoas e paisagens retratadas.

Em certas passagens, a postura do leitor será muito parecida com a de um detetive, que procura descobrir o motivo por trás desses acontecimentos. Esta obra pressupõe um leitor ativo, que procura pistas no texto e nas imagens para levantar hipóteses e confrontá-las com os colegas, caso estejam em uma proposta de leitura com **interação verbal**. O livro ainda aborda uma temática atual e bastante necessária: a relação da sociedade com o ambiente. Por meio de uma narrativa inteligente, o leitor é levado a refletir sobre os impactos da civilização na natureza e no modo de vida das pessoas: como podemos mudar nossas atitudes para viver em um mundo melhor para todos? Por fim, deixa uma mensagem positiva, uma esperança de que um coletivo de pessoas pode se fortalecer e criar um mundo mais justo, humano e sustentável.

Outro aspecto a ser destacado é a possibilidade de ampliar o conhecimento dos estudantes sobre pontos turísticos e culturais importantes do Brasil, como o Museu Nacional, o Teatro Amazonas, a Igreja do Bonfim e o Congresso Nacional.

A leitura desta obra e a participação efetiva dos estudantes em práticas de leitura de livros literários na escola podem, com a regularidade necessária, contribuir para desenvolver a competência específica 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018. p. 87.)

A competência 9 retrata o caráter artístico da literatura ao mesmo tempo que destaca a experiência como algo que nos humaniza. De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), no decorrer da leitura, é necessário assegurar momentos de **interação verbal**, diálogos sobre o que foi lido para que o leitor possa atribuir sentidos a partir de uma construção coletiva. O contato frequente com a língua que se escreve leva as crianças a **desenvolver seu vocabulário** à medida que elas refletem sobre os múltiplos sentidos que uma palavra pode ter, dependendo de seu uso. Tudo isso vai ser contemplado na mediação sugerida para o professor e nas propostas de atividades.

Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

As práticas de leitura literária na escola precisam ser diversificadas para atender à multifacetada tarefa de formar leitores. A **leitura dialogada** é uma das práticas que mais contribuem para atingir esse objetivo, pois preserva o caráter socializador da leitura quando o professor lê em voz alta para os estudantes e abre um espaço para troca e **interação verbal**. Ao realizar a leitura literária com frequência na rotina escolar — e atrelada a outros momentos em que os estudantes possam ler ou com os colegas ou de forma autônoma (para os que já o fazem) —, conseguimos criar espaços favoráveis para a construção coletiva de sentidos.

Reforçando o caráter social da leitura, a especialista espanhola Teresa Colomer afirma que:

Compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade de leitores que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la. (COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007. p. 143.)

Assim, um princípio do trabalho com a leitura literária na escola — que é a instituição responsável por formar leitores — é conversar sobre o que foi lido, com uma mediação qualificada e planejada com antecedência. E nesse momento são essenciais as **chaves de leitura**, que, segundo Cecília Bajour, são portas de entrada para apreciar as obras.

Para saber mais

De acordo com a pesquisadora argentina Cecilia Bajour, a **chave de leitura** de um texto diz respeito ao modo como escolhemos adentrar em um livro a partir do que consideramos essencial para o entendimento da narrativa. Contudo, por mais que se planeje esse momento, é fundamental estar aberto às contribuições das crianças. Nas palavras dela:

As leituras que escapam à chave adotada pelo professor também podem ser interessantes, e é importante valorizá-las: todos nós, leitores, crescemos com as leituras dos outros, e isso também se transmite. Na conversa literária uma chave se enriquece com outras chaves. (BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 67.)

Além da leitura em si, outras atividades podem complementar e enriquecer essa experiência, como as sugeridas nas etapas de pré e pós-leitura deste material. Mas destacamos que a leitura da obra é um conteúdo em si mesmo, ou seja, a leitura não está a serviço de outros componentes curriculares, como algo instrumental. Existem, no entanto, situações que, atreladas à leitura, podem ampliar a **formação do leitor**, como a produção de indicações literárias.

Ao participar das propostas sugeridas neste material, os estudantes poderão desenvolver as seguintes habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por meio do trabalho com a leitura:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

Vale destacar que o desenvolvimento das habilidades não ocorre a partir de situações didáticas esporádicas, mas requer um contato sistemático com práticas de leitura literária, que ampliem o repertório dos estudantes, além de garantir o acesso

ao livro, objeto cultural que talvez só esteja disponível para os estudantes quando estão na escola.

PRÉ-LEITURA

Ao longo da narrativa, muitas edificações importantes e conhecidas são citadas. Pode ser interessante pesquisar sobre esses prédios e suas respectivas localizações no Brasil; os motivos pelos quais são conhecidos; conhecer um pouco mais a respeito da cultura local onde eles se encontram, além de curiosidades que podem contribuir para a ampliação do repertório cultural dos estudantes.

Uma mostra de fotografias desses prédios, com pequenas legendas, pode ser uma forma de atrair a atenção deles ou, ainda, fazer uma visita virtual no site oficial desses pontos turísticos. Localizar no mapa do Brasil a cidade ou o estado em que se eles encontram e estabelecer relações com o lugar onde os estudantes vivem pode dar uma dimensão da distância entre essas localidades.

Outra atividade que pode ser realizada é pesquisar notícias sobre esses espaços com a finalidade de conhecer um pouco da história e da agenda cultural de exposições no local. Vale lembrar que, em 2018, o Museu Nacional foi atingido por um grande incêndio e grande parte de seu acervo foi perdido; uma pesquisa sobre a importância desse acervo também pode ser interessante.

É possível organizar as imagens e informações em um mural da sala de aula, que pode servir para um possível resgate durante a leitura do livro.

LEITURA

Há muitas possibilidades de encaminhamento para começar a leitura de *O dia em que meu prédio deu no pé* com os estudantes. Uma delas é iniciar com perguntas sobre o título do livro: por que será que o prédio fugiu? Aonde será que ele foi? Trata-se de uma boa oportunidade para os estudantes anteciparem algo que pode acontecer, uma estratégia de leitura que todo leitor proficiente utiliza. Mais do que apenas levantar hipóteses para a fuga do prédio, eles também precisam justificar suas ideias: na sua opinião, qual o motivo de esse fato ter acontecido? É importante deixá-los falar livremente, não há respostas certas ou erradas, mesmo que não tenham relação com o motivo exposto no livro.

Observe que a leitura das biografias no fim do livro (do autor e do ilustrador) e da quarta capa não é apropriada para esse momento. Ela deve ser feita somente

após a leitura do livro ser finalizada, isso porque esses textos antecipam informações da própria narrativa. O desfecho será mais impactante se as crianças não souberem exatamente do que o livro trata.

A modalidade de **leitura dialogada** é a mais indicada neste caso por conta das ilustrações: além de serem coloridas e chamativas, elas apresentam muitos detalhes que podem ser observados mais atentamente se cada criança tiver seu exemplar em mãos. Além disso, uma leitura mais detida em certas passagens pode suscitar comentários e reflexões sobre os efeitos que ela produziu no leitor.

Algumas chaves de leitura podem nortear a conversa sobre a narrativa, mas sempre é importante ressaltar que um diálogo genuíno parte necessariamente da escuta. Sobre escuta ativa, a especialista argentina Cecilia Bajour defende que:

[quando falamos “ouvimos nas entrelinhas”] A nuance conferida às “entrelinhas” converte o ouvir em “prestar ouvido” e o aproxima do escutar. Esse ouvir transformado supõe intencionalidade, consciência, atividade, não apenas um registro passivo e por vezes distraído dos sons do outro. (BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020. p. 19.)

A intencionalidade e a tomada de consciência dos objetivos quando lemos para as crianças é fundamental para orientar o encaminhamento de leitura. “Prestar ouvido” implica reconhecer a importância da fala do outro na construção coletiva de sentidos. Por essa razão, é importante considerar as falas iniciais das crianças para sustentar uma conversa, sentir o grupo pode dar pistas para iniciar a **interação verbal** que se propõe depois da leitura. Algumas possibilidades são o uso da linguagem literária em certos acontecimentos narrados, a riqueza do vocabulário e a forma como as palavras e expressões foram empregadas. A passagem abaixo serve como modelo:

Quando uma casa de condomínio de luxo fez sua trouxinha e largou tudo, foi aí que a situação degradingolou. “Fazer sua trouxinha” é modo de dizer. Levou tudo o que tinha dentro, menos os moradores. Uma mansão daquelas se juntar a barraco, a puxadinho, a prédio de tijolinho sem pintura? Tinha mais é que dar o que falar mesmo. (p. 10)

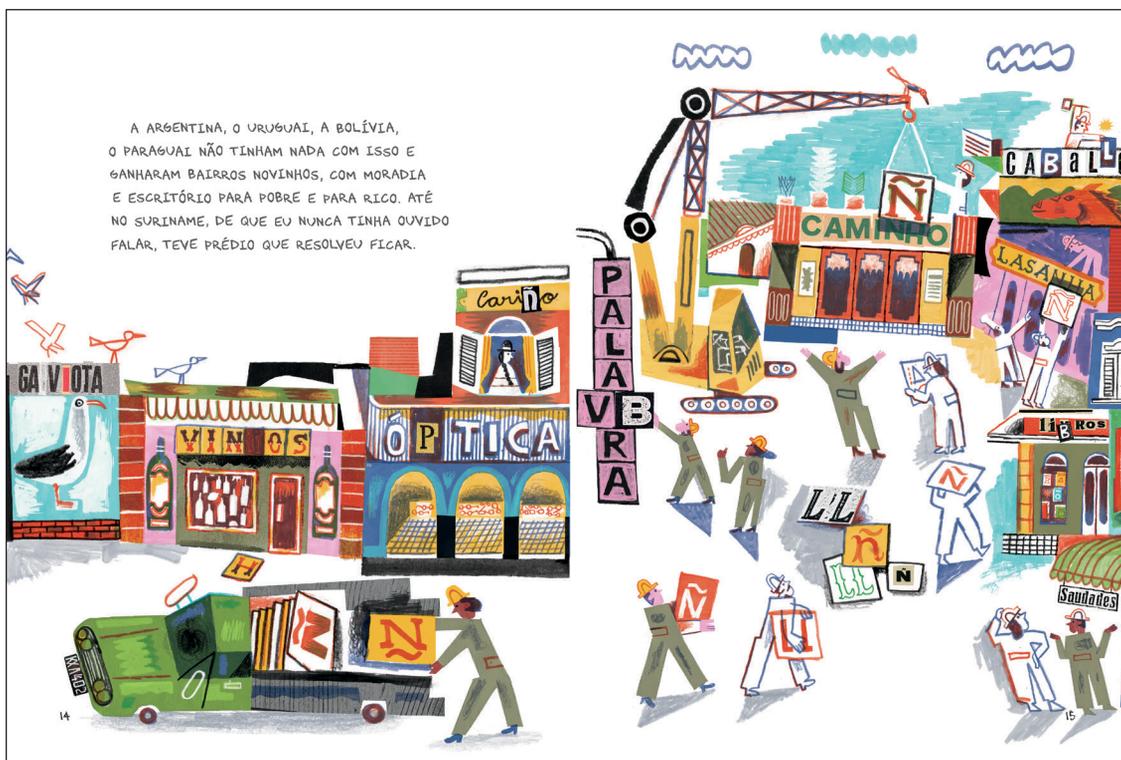
Podem-se destacar algumas expressões do trecho anterior:

- Vou reler um trecho da história, observem como as palavras e expressões foram empregadas. **O que** chama mais a sua atenção?
- A casa de luxo “fez sua trouxinha”. **O que** significa essa expressão? **Quando** usamos essas expressões no dia a dia? E aqui na história, **como** podemos compreendê-la?
- **Como** as diferentes moradias são representadas nesse trecho?

Ao longo da narrativa, o leitor conhece prédios importantes que também deixam a cidade onde estão localizados, como o Museu Nacional. Vale retomar o que foi escrito sobre o museu no paratexto (“Conversando sobre a obra”), no fim do livro do estudante. Sabe-se, por exemplo, que o crânio de Luzia, o fóssil mais antigo do Brasil, quase foi perdido, ao contrário de boa parte do acervo que foi consumida no incêndio que devastou o prédio. Há mistura entre realidade e ficção, um aspecto interessante para ser conversado com os estudantes. Na ilustração, observa-se uma lápide com o ano de abertura do museu e o ano em que ocorreu o incêndio, além de itens importantes do acervo, como insetos, cerâmicas e muitos fósseis, desde o crânio de Luzia até ossos enormes de dinossauros.

Explorar as ilustrações, quando esses prédios são mencionados, são ótimas oportunidades de observar características culturais desses locais, como as fitinhas “Lembrança do Senhor do Bonfim” e a lavagem da escadaria da Igreja do Bonfim; as aves típicas da Amazônia e o rio Amazonas ao fundo da ilustração do Teatro Amazonas etc. Vale retomar as pesquisas feitas antes do momento da leitura, resgatando as curiosidades descobertas e as imagens para compará-las com as ilustrações da história.

Ainda sobre as ilustrações, há uma que merece atenção: a que representa os prédios se estabelecendo nos países vizinhos de língua espanhola, na qual se observam os letreiros serem modificados para se ajustarem ao espanhol. Aqui, as palavras em outra língua podem ser trabalhadas por suas semelhanças com a língua portuguesa, o que pode colaborar para o desenvolvimento de **vocabulário**, mesmo que se utilizem palavras de uma língua estrangeira.



Há placas por toda a rua e muitas pessoas trabalhando para transformar as palavras que estavam escritas em português para o espanhol. Mesmo que estejam em outra língua, além da semelhança com o português, as imagens apoiam a compreensão do leitor. Sugere-se pedir a atenção das crianças para as trocas regulares, como a letra **V** que é sempre trocada por **B**, o dígrafo **NH** é trocado por **Ñ**. A única palavra que não foi alterada é “saudades”, e os homens, pela posição das mãos, evidenciam que não sabem o que fazer com ela. Vale a pergunta: por que vocês acham que essa é a única palavra que não foi alterada? As crianças podem levantar hipóteses; deixe-as inferirem os motivos por que isso ocorre, mas explique a elas que a palavra “saudade” não existe na língua espanhola. Algumas perguntas podem orientar essa conversa:

- **Quando** os prédios foram para os países vizinhos, como a Argentina e o Paraguai, tiveram seus letreiros modificados. Você sabe **por que** isso aconteceu?
- Podemos notar que apenas algumas letras são trocadas: **quais** foram? Mesmo com as trocas, você consegue entender? **Por que** acha que isso acontece?

Além do espanhol, na página 11, há uma expressão em francês: *au revoir*, que significa “adeus”. Dar a informação do significado é importante para a compreensão das crianças.

A fuga dos prédios acabou transformando o espaço e o modo de vida das pessoas: os banhos passaram a ocorrer nas águas limpas de rios e lagos, já que não existiam mais fábricas para poluí-las; costumes antigos voltaram, como se orientar pelas estrelas e depender delas e da lua para iluminar as noites; as formas de conseguir alimentos e lidar com doenças não eram mais as mesmas etc. Esse trecho final da carta mostra como as pessoas voltaram a viver em um tempo anterior ao surgimento das cidades. Essa volta ao tempo permite muitas reflexões:

- O final da carta revela que o modo de vida das pessoas mudou. Todos dependem da natureza, banham-se em rios ou usam plantas para fazer remédios. Quando você leu esse trecho achou que esse tempo já existiu? Sabe dizer o nome do período da História a que ele remete?
- Vamos reler um trecho da carta, na página 34: “Já estou velho demais para correr ao seu lado. Você se junta às crianças que brincam à beira do rio. Modelam no barro úmido os prédios de uma pequenina civilização. Por isso estou tranquilo nessa despedida: irão reconstruir tudo a seu modo.” Considerando nosso mundo atual, você acha que poderíamos construir uma civilização melhor? **O que** faz você pensar assim?

Não se espera que as crianças definam o período histórico com precisão; elas podem indicar “a época em que não existiam cidades”, “o tempo em que os seres humanos viviam nas cavernas” etc.

Como a narrativa começa com a carta do avô para a neta, cria-se uma expectativa de que, ao encerrarmos a leitura, a história irá também terminar, mas é justamente nessa passagem que somos surpreendidos com a ilustração das páginas 36 e 37.



Discutir com as crianças os sentidos possíveis da ilustração é fundamental para a compreensão da história.

- **O que** foi escrito com tinta vegetal sobre pele de animal?
- Essa forma de escrita é feita hoje em dia? **Quais** materiais você usa para escrever? Consegue imaginar **quando** essa carta foi escrita?
- **Onde** esse personagem está? **Como** podemos saber disso?
- Observe o que tem ao lado da plaquinha. É possível confirmar alguma ideia que você teve antes?

Espera-se que os estudantes possam compreender que a carta foi escrita em pele de animal, o que revela um tempo histórico diferente do atual. Além disso, a plaquinha nos informa que a carta está exposta em um museu. Após a conversa, vale a pena ler a quarta capa, pois o texto complementa as informações dessa ilustração.

- **O que** a informação no início do texto da quarta capa diz sobre a história que acabamos de ler?

Escutar as hipóteses das crianças e, em seguida, dar continuidade à leitura e questionar:

- O texto faz um convite para uma viagem ao passado e traz a seguinte informação: “Exposta pela primeira vez, a carta de um avô para a neta convida o visitante a viver momentos de afeto e os fantásticos acontecimentos que deram origem ao nosso país de hoje: mais justo, mais humano, mais diverso”. Você concorda que foi isso o que aconteceu?
- Por fim, a última frase é “Prepare-se para uma grande viagem ao redor do Brasil.” Agora que você já leu o livro, **por que** podemos dizer que fizemos uma viagem ao redor do Brasil? Volte à história para buscar passagens que justifiquem sua resposta.

As hipóteses levantadas pelos estudantes podem ou não ser confirmadas com a leitura da quarta capa, que explicita que a carta escrita pelo avô está exposta no Museu de um Mundo Melhor. Os estudantes podem ainda observar que a história permite uma viagem ao Brasil pelo fato de a narrativa explorar diferentes pontos turísticos de nosso país.

PÓS-LEITURA

Há muitas situações didáticas que podem ser realizadas depois da leitura de um livro e que continuam com o propósito de formar leitores. A indicação de uma obra é uma dessas situações que exigem uma leitura mais aprofundada, justamente pela necessidade de destacar aspectos que merecem ser compartilhados com outros leitores.

Indicar um livro para outras pessoas é um comportamento leitor típico das práticas sociais de leitura, sobretudo a literária. Quando gostamos muito do que lemos, quando algo nos incomoda ou nos impacta, queremos conversar sobre essa obra com alguém, destacando aspectos que chamaram a nossa atenção.

A produção de uma indicação literária é uma situação didática efetiva porque permite ao estudante a oportunidade de voltar ao livro para analisá-lo sob diferentes perspectivas, com o objetivo de levantar aspectos literários que fazem da obra uma história que deve ser lida por outras pessoas.

Quando as crianças recomendam um livro, expressam seus gostos, utilizam estratégias de leitura que permitem selecionar trechos, passagens, cenas que reve-

lam suas preferências. Além disso, precisam considerar a situação comunicativa, principalmente, o destinatário e a forma como organizar a linguagem escrita para persuadi-lo a buscar o livro e lê-lo.

Os estudantes, ao produzirem essa resenha, podem desenvolver algumas habilidades previstas na BNCC para o Ensino Fundamental de Língua Portuguesa:

(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.

(EF15LP06) Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

(EF15LP07) Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.

PRODUÇÃO TEXTUAL

O encaminhamento da produção precisa considerar a leitura de algumas indicações literárias para ampliar o conhecimento das crianças sobre o gênero. Sites e revistas especializados em livros, editoras e blogs de literatura são locais em que facilmente se encontram resenhas ou indicações de obras literárias. Se for preciso, ajude-os a observar que esses textos apresentam dados da obra, um breve resumo da história, além de alguns destaques que instigam a leitura e despertam a curiosidade do leitor, mas sem revelar o final da história. Além do mais, o texto final deve contemplar os seguintes aspectos:

- Indicação de a quem se destina o livro: a turma da escola, a família ou outros leitores.
- Onde ele será divulgado: no mural do pátio da escola, em uma rede social, no formato de um marcador de página etc.

Em seguida, é preciso planejar o que não pode faltar na indicação de *O dia em que meu prédio deu no pé*: converse com as crianças, retome as discussões feitas durante a leitura e peça que compartilhem o que consideram mais atrativo na obra, como aspectos que podem chamar atenção do destinatário da resenha, ou seja, que instigam a curiosidade do leitor que deseja conhecer o livro.

Por fim, peça aos estudantes que ditem o texto de indicação literária a você. Nesse momento, é importante problematizar as diferentes formas de dizer, provocá-los a pensar juntos no melhor uso da linguagem escrita, comparar o que dois estudantes ditaram, buscar as palavras mais adequadas ao propósito comunicativo, enfim, tudo isso pode ser realizado com a turma.

É importante também reler o que foi escrito para retomar ou dar continuidade ao que se estava escrevendo, voltar ao planejamento ou ao livro sempre que necessário, explicitar as decisões tomadas por você e pelas crianças e diferenciar o que se dita para escrever do que se comenta.

Ao finalizar o ditado do texto ao professor, vale retomá-lo para revisar com os estudantes. A proposta é ler novamente o texto para verificar se tem algum problema que precisa ser solucionado, se ele está ajustado ao propósito comunicativo, ou seja, adequado ao gênero e ao destinatário.

Agora, basta compartilhar o texto conforme combinado com o grupo e analisar o resultado obtido: os leitores tiveram vontade de ler o livro?

Outras propostas de leitura e abordagem da obra

AMPLIAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEITORES NA ESCOLA

O grupo da sala de aula pode constituir uma comunidade de leitores quando é oferecida a oportunidade de os estudantes lerem e apreciarem histórias juntos. Sabemos, no entanto, que é possível ampliar essa comunidade ao envolver outras pessoas, entre elas outros professores, funcionários da escola e até moradores do entorno escolar, constituindo a escola como o centro dessa comunidade. Para que isso ocorra, sugerimos pesquisar se na comunidade escolar há pessoas que poderiam contar histórias para as crianças ou se há grupos que organizam algum tipo de evento literário, como saraus ou clubes de leitura. Também seria interessante saber se há bibliotecas públicas ou comunitárias próximas à escola. Engajar todos em prol da leitura leva os estudantes a acreditar que ler é uma prática gostosa e importante. Apresentamos, a seguir, uma proposta para ampliar as experiências de leitura deles.

LEITURA FEITA POR UM CONVIDADO

Por meio dessa prática, os estudantes podem ter acesso a obras selecionadas a partir de critérios provavelmente diferentes dos adotados pelo professor. Dessa forma, entram em contato com outras formas de ler e de apresentar e abordar a história. Esse convidado pode ser um familiar de algum dos estudantes ou alguém da comunidade escolar, como outro professor, alguém da gestão escolar, a merendeira, qualquer pessoa que goste de contar histórias e que a turma tenha interesse em ouvir. Essa prática pode ocorrer com certa regularidade, criando assim uma agenda de convidados ao longo do bimestre, do semestre ou do ano.

LITERACIA FAMILIAR

De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), para uma sólida **formação de leitores**, é fundamental o trabalho com familiares ou responsáveis, considerados como grandes aliados da escola para conseguir atingir esse complexo desafio:

O êxito das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita está fortemente vinculado ao ambiente familiar e às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que elas vivenciam com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal. Esse conjunto de práticas e experiências recebe o nome de literacia familiar (WASIK, 2004; SÉNÉCHAL, 2008). (BRASIL. Ministério da Educação. PNA – *Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/ Sealf, 2019. p. 23.)

Sugere-se aos estudantes que levem para casa o livro *O dia em que meu prédio deu no pé* para ler com familiares ou responsáveis e apreciarem juntos a história. Caso essa prática não ocorra com frequência, vale a pena orientar os familiares ou cuidadores sobre dicas de como proceder para esse momento de **leitura compartilhada** em casa. Algumas sugestões que podem ser dadas:

- Organizar um momento na rotina da casa e um espaço para a leitura, que pode ser na cama antes de dormir.
- Incentivar a criança a comentar como foi a leitura da história feita na escola.
- Perguntar se ela gostaria de ler ou ouvir a história. Vale dividir também trechos ou páginas para cada um.
- Abrir um espaço para a criança comentar suas impressões, do que mais gostou e o que chamou sua atenção, além de compartilhar o que a leitura a fez pensar.

O espaço acolhedor, permeado de carinho e aconchego, é importante para marcar essa experiência de leitura de forma significativa, contribuindo para um vínculo maior da criança com os livros.

A ideia é ser um momento prazeroso, de leitura e conversas, no qual a criança possa se mostrar mais confiante como leitora, uma vez que o livro já foi lido e discutido em sala. Ela também terá uma nova oportunidade, agora em casa, de se “transformar em um detetive”, que observa cada um dos inúmeros detalhes das ilustrações e do próprio texto, além de apreciá-los.

A brincadeira de detetive pode ser proposta depois da leitura. Pode-se sugerir que voltem às páginas das quais mais gostaram para instigar o adulto a procurar algum detalhe que a criança sabe que nem todos perceberam. Por exemplo: na página dupla que menciona o Museu Nacional, a criança pode dizer “estou vendo uma formiga”, assim o familiar vai ter de procurar. Depois ocorre a inversão, na qual a

criança procura o que o adulto mencionar. Com isso, poderão observar até mesmo os menores detalhes, nada passará despercebido.

De volta à escola, vale uma roda de conversa para que todos compartilhem a experiência de leitura com familiares ou responsáveis. Também é possível levantar aspectos que se relacionam aos hábitos de leitura com perguntas como:

- **Como** foi a preparação para a leitura na sua casa?
- **Quando** vocês leram, à noite ou em outro horário? Você gostou desse momento de leitura? **Do que** mais gostou?
- **O que** os seus familiares acharam da história? Sobre o que conversaram?

A continuidade da prática de empréstimo de livros às famílias é uma boa oportunidade de dar acesso a livros literários para crianças e adultos, ampliando as possibilidades de formar cada vez mais leitores.

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento produzido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-8, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 30 out. 2021.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

Sugestões de leituras complementares

Indicamos aqui alguns textos que podem contribuir com o seu trabalho por ampliar os temas e as propostas abordados neste material.

BAROUK, J.; CARVALHO, A. C. *Ler antes de saber ler: Oito mitos escolares sobre a leitura literária*. São Paulo: Panda Books, 2018.

As autoras refletem sobre as condições para a formação de leitores na escola, desde a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental, analisando a escolha de livros de qualidade, as diferenças entre ler e contar histórias, a importância da conversa para a formação de leitores, entre outros aspectos.

BRITTO, Luiz P. L. *Ao revés do avesso: Leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

Neste livro, o autor questiona diversos aspectos do senso comum relativos à formação de leitores e ao ensino da literatura nas escolas. Vinculados à realidade brasileira, os ensaios nos convidam a repensar as práticas e as concepções idealizadas sobre leitores e leitura.

COLOMER, Teresa. *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madri: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.

Neste livro, a autora apresenta sete chaves que permitem analisar as histórias infantis, tratando de elementos fundamentais, como apreciação de palavras e imagens, até ampliação do mundo próprio do leitor.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Com um estilo a um só tempo irônico e poético, Daniel Pennac investiga as chaves para o mundo da leitura e mostra que o elo se perde quando o livro deixa de ser “vivo” e passa a ser uma ficha de leitura obrigatória para o bom cumprimento do programa escolar.